

O “EU” E O “OUTRO”
NA OBRA DE MOACYR SCLiar:
“A MAJESTADE DO XINGU”
Claudete C. de Abreu

RESUMO: Neste artigo, através de uma análise sociológica, observamos as relações de alteridade apresentadas no Romance: A MAJESTADE DO XINGU de Moacyr Scliar, focando principalmente as relações estabelecidas através do personagem protagonista em relação aos seus outros, considerando sua condição de imigrante judeu russo. Destacamos os mecanismos utilizados pelo personagem em sua auto-identificação em relação ao ambiente que o cerca, no caso desta obra, o Brasil. Detectamos, também, reflexões sobre a identidade, questionando estereótipos de nacionalidade e etnia. A questão do eu em relação ao outro, a questão mesma da identidade do ser humano universal e as fronteiras de nacionalidade. O homem que se depara com o seu oposto e esse oposto é ao mesmo tempo o seu mesmo, seu contrário e seu ideal, reflexões possíveis, principalmente a um mundo pós-moderno. Nesta reflexão, observamos uma possível mudança de foco narrativo, estabelecida dentro da literatura brasileira, detectável historicamente, que permitiu uma abertura a diferentes visões de brasilidade, de nacionalidade. E a condição pós-moderna focada na individualidade que fragmenta e descentra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Sociedade; Identidade Pós-moderna.

Neste artigo, propomos uma reflexão de base sociológica sobre a literatura brasileira, a imigração, a identidade individual e de grupo na pós-modernidade. Afirmamos que faremos uma reflexão, pois, trata-se de idéias não conclusivas que estão ainda em processo gestatório, com a intenção de aprofundamento futuro. Tomamos como base de nossa reflexão a análise sociológica ou a crítica sociológica, compreendida como aquela em que se considera o lugar social de emissão e de recepção da obra, ou seja, que considera que a obra é construída em um determinado local e se destina e se identifica com esse local (local aqui não se restringe a espaço físico, mas se am-

plia à situação sócio-cultural e psicológica de determinado grupo heterogêneo e suas inter-relações). Em outras palavras:

“...a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da “inspiração” do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto”. (Bonnici Apud Silva 2003-p.123)

Por carregar consigo as marcas do contexto em que foi criada, a obra literária estabelece uma relação dialógica entre o autor e o leitor ou entre o texto e o meio. Essa relação é parte integrante da estrutura da obra, e o discurso do autor se dilui em discursos polifônicos que dão voz a outros diversos discursos, internos ou externos a obra (Bakhtin 1997).

Dentro dessa referência de análise (sociológica) pode-se pensar as concepções de identidade nacional da literatura brasileira moderna na prosa que, desde a década de 20 (vinte), busca seu “centro”, sua identidade, uma caracterização própria para o que deveria ser “uma literatura genuinamente brasileira”.

A busca da identidade nacional brasileira na literatura alcançou seu auge nas décadas de 30 a 60, criando obras dentro de contextos julgados como “genuinamente brasileiros”, pois essas deveriam expressar a “imagem da realidade brasileira”; é dentro deste contexto que encontramos as transformações a que fizeram surgir a prosa contemporânea por volta da década de 60.

Na prosa brasileira contemporânea, afirma Alfredo Bosi, a pluralidade de gêneros é o que impressiona, que vai de Guimarães Rosa a Clarice Lispector (BOSI -2002,p.435). Essa pluralidade, agora perceptível e aceitável, advém daquela busca do “centro” brasileiro que a literatura expressa, e a conseqüente descoberta de que há muitos “centros” possíveis dentro da pluralidade cultural brasileira, ou muitas possibilidades para a nossa expressão cultural.

O conceito de contemporaneidade, no sentido acima citado pode ser compreendido como pós-modernidade, sendo relacionado à produção literária brasileira e estabelecendo-se como marco temporal a década de 60; considero que esse período literário se difere de forma bastante acentuada do período anterior, chamado modernismo, que caracterizamos anteriormente como o período da busca dos “centros”.

O período, após a década de 60, chamado pós-modernidade, parece ter trazido à tona a pluralidade cultural brasileira de forma mais ampla e com isso os confrontos de identida-

des culturais, a princípio tidas como antagônicas, ou negadas, fazendo emergir novas formas de pensar a identidade brasileira.

Consideramos, então, que o conjunto da literatura brasileira, a partir da década de 60, se enquadraria ao pensamento pós-moderno de descentralização, por questionar a noção de centro e, assim, se contrapondo ao que se convencionou chamar de “humanismo liberal: autonomia, transcendência, certeza, autoridade, unidade, totalização, sistema, universalização, continuidade, teleologia, fechamento, hierarquia, homogeneidade, exclusividade, origem.” (HUTCHEON-1991).

Esse questionamento não é negação absoluta. É antes de tudo reflexão e desta reflexão é que se percebe os vários centros, ou a margem, ou seja, tudo aquilo que estava à margem, passa a constituir-se em seu próprio centro. Isso irá enfatizar, por exemplo, a literatura regionalista, de classe, de gênero, étnica, etc.(HUTCHEON-1991). As expressões dessas diferenciações não são relatadas por uma visão de fora, modeladora e que tende ao julgamento e à imposição de valores totalitários, mas busca dar voz aos que anteriormente eram alvos desses julgamentos, com a imposição de valores exteriores, ou seja, seria a tentativa de produzir a voz de dentro dos centros anteriormente marginalizados.

Para melhor refletirmos sobre esse ponto, podemos fazer uma comparação entre “O cortiço” (1890), de Aluísio de Azevedo e “Vidas Secas” (1938), de Graciliano Ramos.

No Realismo positivista de Aluísio de Azevedo, fortemente marcado pelos conceitos evolucionistas das teorias de Darwin, o narrador faz uma descrição da vida dos pobres de “O cortiço” (1890), vistos como criaturas primitivas, motivadas pelo instinto; é a descrição do “outro”; uma descrição que causa repugnância e desprezo para com os personagens, permeadas de juízos de valor advindos da classe burguesa, que visualizam a sociedade como um eco-sistema composto de seres em diferentes estágios

evolutivos, em que os pobres, moradores do cortiço, seriam criaturas hierarquicamente menos desenvolvidas.

Na prosa moderna, pós-fase heróica da década de 20¹, com Graciliano Ramos em “Vidas Secas”(1938), vemos a angustia imposta pelo meio, sentida através dos próprios personagens. Embora a “narração” não seja em primeira pessoa, o narrador transferi para si

¹ A partir da década de 30 temos o que Alfredo Bosi chama de amadurecimento do pensamento Modernista, em que o experimentalismo Moderno que pretendia uma ruptura radical com os velhos conceitos e a criação de algo absolutamente novo dará lugar a uma conciliação criadora entre a tradição e a experiência do novo em busca da superação do estabelecido por meio da vivência do momento atual da criação estética.

as vivências dos personagens principais, a família de Fabiano. Através de monólogos interiores, é feita a intermediação entre a voz do narrador e a voz do próprio personagem, que mostra o conflito entre o herói e o meio.

Pode-se perceber, na leitura dessas duas obras, um deslocamento do centro narrativo da literatura brasileira, que não foi possível antes da década de 30, confirmando nossa hipótese de um gradativo deslocamento e multiplicidade de “centros” historicamente perceptível a partir da década de 60.

Dentro da literatura pós-moderna que não é de maneira alguma exclusividade brasileira, está implícito que:

No lugar da fé nos grandes projetos centralizados, e das angustias das buscas pela salvação, a condição pós-moderna está gradualmente substituindo a concretude de pequenas lutas particularizadas por seus objetivos precisos, capazes de ter grande efeito porque modificam os sistemas de relações. (Portoghesi Apud.HUTCHEON-1991-87).

Talvez esse seja o lugar que ocupa a obra de Moacyr Scliar na literatura brasileira. As lutas particularizadas (a presença do judeu no contexto brasileiro) que antes era margem e se tornou um dos centros possíveis no sentido da busca da totalidade, enquanto possibilidade de expressão da cultura brasileira. Não em uma substituição do que antes era o centro “universal”, mas de forma mais condizente com as palavras de Foucault:

“Somos a diferença (...) nossa razão é a diferença das épocas, nossos eus são a diferença das máscaras. Essa diferença, longe de ser a origem esquecida e recuperável, é essa dispersão que somos e fazemos” (Michel Foucault apud. HUTCHEON-1991-94).

Essa abertura da multiplicidade dos conceitos de identidade abre espaço para nossa reflexão sobre as relações entre as unidades transliterárias² e a construção ficcional da vida psicológica e social que compõe o narrador protagonista do romance “A Majestade do Xingu” de Moacyr Scliar, considerado aqui como uma produção da pós-modernidade na literatura brasileira e possibilitada pelas condições sociais desse período.

Moacyr Scliar, brasileiro, nascido em Porto Alegre, RS, filho de imigrantes russos, é estudioso e “pertencente”, segundo suas próprias palavras, à cultura judaica, características marcantes na

² Utilizo esse termo, conforme Bakhtin (1997-.29), referindo-me aos elementos que rompem a fronteira entre o social, o que compõe a vida, valores, ideologias, fatos históricos, etc e a criação estilística na obra de arte, não sendo assim uma simples transposição do social para a obra, mas uma reconfiguração dos elementos sócio-historicamente determinados dentro da obra.

composição de sua obra. Também em virtude dessas características do autor é que nos perguntamos: quais são os "seres reais" que baseiam a criação do "ser fictício" na obra de Moacyr Scliar? Qual é o meio cultural visível ou implícito nessas obras? Os contos e romances de Moacyr Scliar permitiriam uma reinterpretação das representações culturais até então consagradas pela literatura como a representação do nacional? Encontraríamos nas obras de Moacyr Scliar marcas de algum conflito cultural?

O romance "A Majestade do Xingu" conta a história de imigrantes judeus da Rússia, cujos personagens principais são Noel Nutels e o narrador protagonista. O narrador busca estabelecer algumas relações entre a história da imigração do povo judeu e a história do Brasil, correlacionando eventos da "história oficial" com a história desse grupo social.

A história dos dois personagens principais é contada pelo narrador protagonista como uma história verídica da relação dele com Noel Nutels. Essa relação é descrita na obra como fruto da admiração a Noel Nutels e imaginação do narrador protagonista.

O narrador protagonista conhece Noel na infância, se separam ainda na infância e só se reencontrarão quando Noel está agonizando em um hospital. O narrador protagonista mantém durante todo esse espaço de tempo uma relação imaginária com Noel e acompanha a vida do antigo amigo como quem acompanha a vida de um ídolo.

Noel Nutels apresenta, desde a infância, características como coragem, inteligência, persistência, honradez, força de caráter, etc., características do herói tradicional, que se mantêm em sua vida e o predestinará em feitos heróicos, aos olhos do narrador protagonista.

O narrador protagonista é descrito por si mesmo como o oposto de Noel. Todas as características apresentadas em Noel se mostram ao contrário no narrador protagonista, ou seja, quando Noel demonstra coragem, o narrador protagonista é covarde, quando Noel demonstra persistência, o narrador protagonista demonstra desânimo, e assim sucessivamente; para compensar essa falta de qualidades o narrador protagonista acompanha a vida de Noel através de notícias de rádio e jornais, complementando sua visão sobre o herói por sua imaginação; cria sobre si mesmo e sobre seu herói um mundo de situações estranhas e na maioria das vezes engraçadas, para compensar sua vida monótona e triste, segundo ele próprio.

Os destinos dos personagens nessa obra são o resultado de uma certa predestinação, força do acaso que determina as ações; grande importância é dada ao “destino”, essa força sobre-humana que independe da vontade e do controle do homem e que age sobre ele. Essa força, quando causa sofrimento, é chamado na obra de “mão negra”.

“Terminei tarde o curso primário e não cheguei a começar o secundário. Mais uma vez o destino, Mão Negra, interveio” (p. 76)³

O chamado “destino” atuará de forma distinta nos dois principais personagens da obra de Moacyr Scliar. Para Noel, o destino será o que o impulsionará a agir para seu sucesso e felicidade, para o narrador protagonista, será o obstáculo que o impedirá de atingir o sucesso e a felicidade.

Tanto o narrador protagonista quanto Noel e os poucos personagens com quem se relaciona o narrador protagonista são constantemente caracterizados como judeus, formam na obra um grupo relativamente fechado, no qual percebemos a exposição de fronteiras de identidade, como rituais, histórias específicas desse povo, explicações sobre a língua ídiche, crenças que se afirmam como específicas, etc:

“O pogrom. Ao anoitecer, tropel de cavalos, gritos ferozes (...) demônios dos cossacos, bêbados, batendo nos homens, violentando as mulheres, queimando as casas. (...) era um massacre organizado”. “Nunca a apara-ra; obedecendo ao antigo preceito religioso, deixava que crescesse porque na ponta de cada fio estava contida a verdade: a verdade da barba e a verdade de Deus”. “a imemorial culpa judaica, a culpa que nos acompanha de país em país (...), em nossa peregrinação milenar”. “mamãe, alimentadora como toda mãe judia”. “tudo o que tínhamos para a ceia de Shabat”. “Na rua se falava ídiche, havia sinagogas, escolas judaicas, sociedades judaicas. Sim, as redondezas estavam cheias de góim, e muita surra eu levaria no sábado de aleluia para aprender a não judiar de Cristo”. “Uma noite – na véspera do meu bar-mitzva, do meu décimo terceiro aniversário” (p.15-73) (grifos meus)

Porém, na totalidade da obra, o narrador protagonista e Noel Nutels são descritos principalmente como indivíduos singulares. Mesmo sendo membros desse grupo específico, apresentado na superfície de suas vidas visíveis, suas principais características buscam justificativas universais que caracterizam um indivíduo singular, que poderia ter qualquer crença, qualquer nacionalidade, pois todas as justificativas

³ As citações apresentadas doravante, que consta apenas número de página foram retiradas da obra de Moacyr Scliar: “A MAJESTADE DO XINGU”, S.P: Companhia das Letras, 1997.

para suas alegrias ou suas tristezas, seus sucessos e fracassos encontram-se dentro deles próprios, em sua personalidade ou justificadas pela ação do destino e não no fato de serem judeus. Uma vez que temos a descrição do narrador protagonista como sendo um sujeito introspectivo e de certa maneira frustrado, temos também a mostra de sucesso, notoriedade e respeito total da individualidade, representada em Noel Nutels.

Diferente do Noel eu não queria nada com a política, ia de casa para a loja, da loja para casa. (...) Eu era tímido, doutor. Tímido, quieto. Não era exuberante como o Noel(...) Noel não tinha medo da polícia (...) foi preso. Era estudante de medicina, e o delegado (...) tinha diante de si um universitário, uma pessoa de respeito, mas que era, ao mesmo tempo, judeu, russo e comunista. Como é que o senhor explica isso ?, perguntou. É puro azar, disse Noel”(p.85-98).

Essa relação de espelho do contrário um para o outro que se estabelece entre os dois personagens principais, Noel Nutels e o narrador protagonista, é a espinha dorsal da caracterização da identidade dos dois personagens. Apesar de serem ambos judeus, membros de um mesmo grupo de imigrantes, Noel Nutels e o narrador protagonista são caracterizados como portadores de identidades totalmente distintas. Essa relação constante de “mesmo e outro” é reiterada, também, pela visão do estereótipo do judeu, muitas vezes representada pelo personagem protagonista que se vê como vítima e ator de suas crenças e práticas e que tem como referência contrária o personagem Noel, exemplo de assimilação ou daquele que se integra plenamente à vida no Brasil.

Noel “era tão seguro de si, tão confiante que parecia um homenzinho (...) Noel conhecia todo mundo;(...) Todos gostavam de Noel (...) puxava conversa com quem estivesse por perto (...) Noel estava sempre interessado em tudo (...) ria muito o Noel (...) admirava no Noel aquela coragem (...) sua exuberância, a sua capacidade de fazer todo mundo rir (...) Da cicatriz que tinha no lábio superior e da qual se orgulhava muito (...) Noel era bom, era um santo (...) um santo judeu (...) Ruim era eu. Ruim e invejoso. Poço de maldade, poço de inveja (...) Agora: que era safado, isso era. Generoso, mas safado, malandro (...) Eu o covarde, imóvel; Noel o corajoso, em movimento. Em constante movimento(...) embrenhando-se mato adentro, cada vez mais dentro do Brasil, cada vez mais brasileiro, Brasileiro como a paca...” ” (p.36-101).

São contrárias na obra, também, as comunidades judaicas e as não judaicas (as pessoas das comunidades não judaicas são chamadas na obra de “góim”), apesar de serem parte da mesma comunidade brasileira.

“o passado eram os judeuzinhos da Rússia. O presente eram os brasileiros. Os góim. (...)para nós o góim era sempre uma incógnita. Quando o góim estendia a mãozorra em direção à nossa cabeça – era para nos acariciar ou para nos golpear? Quando o góim mostrava os dentes – estava sorrindo ou querendo nos devorar?” (p.53).

São, também, contraditórias as relações do narrador protagonista com o Brasil, com os brasileiros, com os índios, isto é, com aqueles que corresponderiam a uma visão do estereótipo do brasileiro, estabelecendo-se uma relação de autóctone e altero, também do narrador para com Noel, pois, Noel é o judeu brasileiro: seguro de si, confiante, simpático, extrovertido, curioso, corajoso, alegre, safado, generoso, malandro. Ou seja, o narrador expõe as características necessárias para tornar-se um brasileiro, já ele é todo o oposto.

O índio, no romance, é mostrado como o bom selvagem e como canibal, e ambos como imigrantes, novamente, “o mesmo e o outro”, comparados ao narrador protagonista.

“Viagem era o que nós fazíamos a bordo do Madeira. Aquela gente toda caminhando sem cessar, atravessando planícies e montanhas, rios e desertos, descendo do Norte para o Sul, derramando-se pelo continente, aquilo ultrapassava os limites da simples viagem. (...) a comparação é adequada por que eles eram telúricos, os índios, ao passo que nós éramos – e o nome já diz tudo – passageiros” (P.44-45)

“mamãe mastigando galinha, papai mastigando galinha, Ana mastigando galinha, eu não mastigando nada, eu imóvel, o olhar fixo no coto do meu pai, fabulando (...). Termina a longa operação (...). No balde, já esquecido por todos, o braço, semi-esmagado, (...) Entra o servente encarregado da limpeza. É um tipo indiático (...). Homem quieto, atencioso, um empregado correto (...). E no entanto é verdade: José é um antropófago. Faz parte de uma pequena tribo que migrou do Norte para o interior de São Paulo (...) pratica ainda, em segredo, o canibalismo. (p.66-67).

Percebemos que por essa relação de contrários o narrador expõe, também, uma relação entre o autóctone e o altero. Tanto os judeus quanto os índios, na visão do narrador, são imigrantes, porém, a relação estabelecida entre os dois é de alteridade. Tudo na obra está ligada a relações de alteridade, e é na complementaridade dessa relação que podemos buscar a representação social do personagem protagonista.

Até mesmo a nomeação dos dois personagens está exposta neste tipo de relação: o narrador protagonista não tem nome, seu herói, que é ao mesmo tempo o seu mesmo e o seu contrá-

rio, tem nome e sobrenome. Sendo um ser completo, fechado, pré-pronto, Noel Nutels é a base para a formação da existência estética, ficcional, do narrador protagonista.

O narrador protagonista conta sua história através da história da vida de Noel Nutels. Mas, enquanto a história de Noel é composta por ações realizadas desde a infância que irão convergir para a construção de um herói, a história do narrador protagonista margeia a vida de Noel e é composta principalmente de pensamentos, reflexões e invenções fantasiosas, que se sobrepõem a uma vida de comedimentos, frustrações e restrições.

“Eu não tinha ambições, não tinha planos, não tinha nada” (p.133).

A obra no todo de sua construção estabelece uma relação restrita entre o imigrante e o homem pós-moderno, interiorizado e singular, que vê sua identidade esvaziada no confronto com o “outro”, ou seja, estabelece-se uma relação entre o exílio exterior e interior, embora prevaleça a expressão dos sentimentos do exílio interior (se tomarmos o termo exilar-se no sentido que adota o dicionário HOUAISS temos: afastar-se, apartar-se (de convívio social)).⁴ Essa interiorização do sentimento de exilado mostra-se em uma inaptidão para o convívio social que, no caso da obra de Moacyr Scliar, não é justificada por uma hostilidade do ambiente em que está inserido o narrador protagonista, mas, pela condição do próprio personagem, como tímido, de pouca coragem, retraído, etc, que se opõe ao personagem Noel.

Essa ênfase na vida interior faz do protagonista identificável com qualquer homem comum que se enquadra à vida organizada da sociedade, que valoriza a autodeterminação dos juvenis aventureiros, mas se insere em uma rotina estéril, fazendo com que essas características só possam ser vividas interiormente. Torna-se implícito, na obra, que as pessoas possuiriam uma vida não concreta, invisível na superfície de suas ações, pois em seus

⁴ Paul Ilie reflete sobre o exílio, como um sentimento que seria possível detectar-se tanto nos exilados de um país como no restante da população que fica, com base nesta reflexão é que considero presente o sentimento de exilado, mesmo naquele que não pretende voltar, ou naquele que decide adotar outra pátria, mesmo nestes haveria o sentimento de exílio, que se manifesta como exílio interior.

pensamentos, em seus interiores há uma vida complexa, um outro ser fascinante, ativo e criativo.

“Como é fácil resumir a vida, (...) De manhã eu acordava, ia para a loja, sentava atrás do balcão e ficava lendo: isso diz tudo, doutor. Será que diz? Onde está, nessa frase, a sucessão de dias, semanas, meses e anos? (...) Onde estão os momentos de angústias, de tesão, de deleite, de reflexão? Onde estão os sonhos?”(p.96)

Essa característica de ênfase na vida interior, com valor superior à existência material do homem, já é característica do herói moderno, mas acentua-se no herói pós-moderno, principalmente pela inversão da valorização entre ação e pensamento. O herói tradicional era detentor de características coesas, que, quase sempre, lhe permitiam agregar ação e pensamento voltados a um objetivo comum. O herói tradicional, mesmo quando interiorizado, tinha seus pensamentos a serviço da ação. Seus atos e seus pensamentos buscavam formar o todo do herói, um todo coeso e não contraditório.

O herói, tanto moderno quanto pós-moderno, é fragmentado e contraditório, tanto na diferenciação marcada entre ação e pensamento, marcas essas que podem descrever vivências distintas, quanto na falta de fronteira entre essas duas formas de existência, que se mostrariam em sua divergência complementares. Ou seja, o que é vivido em pensamento complementa e, as vezes, se sobrepõe ao que é realizado pela ação, o que torna o personagem ilimitado e inacabado, permitindo ao leitor diversas reconstruções do mesmo personagem.

Para o herói pós-moderno, de forma mais acentuada, é como se concorressem em sua vida dois campos da existência: o campo da ação, ligado ao mundo material e o campo do pensamento. No romance "A majestade do Xingu", no campo da existência da ação, para o narrador protagonista, existe o pensamento mecânico racional, que pouco tem a ver com a satisfação plena do homem, mas apenas busca sua sobrevivência e o enquadra ao que ele julga ser o aceitável para suas condições materiais de existência; no campo da existência do pensamento, para o narrador protagonista, haveria uma ação (imaginada) voltada à satisfação e ao prazer do homem.

Expondo-se os dois campos de forma hierárquica de valores, podemos dizer que antes (período romântico) a descrição do campo da existência material, ou o campo da ação, era o que deveria prevalecer e o campo do pensamento deveria ser escondido, pois na maioria das vezes causava vergonha e culpa. Para o herói contemporâneo sua grande riqueza como ser é o campo do pensamento, forma em que ele julga-se pleno e verdadeiro, enquanto que a existência material, no campo da ação, é vista como uma imposição social, na maioria das vezes frustrante. Ou seja, o campo do pensamento poderia ser a possibilidade de resistência.

O narrador protagonista de “A majestade do Xingu” é um herói pós-moderno, como descrito acima, pois concorrem em sua personalidade diversos fragmentos distintos que se fundamentam em fatores externos e internos; interiorizado, pois enfatiza uma existência interior valorizada acima de sua vida visível; individualizado, pois sua existência está centrada principalmente em seu “eu”, que se percebe como único, distinto e auto-determinado, principalmente, por forças internas; sendo todas estas características de valores universais, não excluem as identidades especificamente grupais, nacionais, raciais ou étnicas, o que contribui para o intuito integrador do romance de Moacyr Scliar, no qual o “estrangeiro” é um ser com sua individualidade, do mesmo modo que a condição de imigrante é uma característica a mais para a singularização.

Pode-se dizer que a reflexão centrada no indivíduo que se encontra na obra, em sua estrutura e construção, enquadra-se no pensamento pós-moderno. A inserção no mundo pós-moderno está, também, no questionamento dos conceitos das identidades judaicas e brasileiras, sendo a obra fundamentada principalmente em relações de alteridade. Essa relação, porém, se estabelece de forma individual e não em termos do grupo.

São nessas relações que estão muitas das reflexões possíveis à pós-modernidade sobre a identidade, questionando estereótipos de nacionalidade e etnia. A questão do eu em relação ao outro, a questão mesma da identidade do ser humano universal e as fronteiras de nacionalidade aparecem como identidades possíveis ou em processo de transformação dentro do mundo pós-moderno.

O romance expõe o homem que se depara com o seu oposto, que se relaciona cotidianamente com o seu oposto e esse oposto é ao mesmo tempo o seu mesmo, seu contrário e seu ideal, aquele que o completa em uma relação de constante transformação mútua, algumas vezes perceptíveis, outras vezes que agem sem uma percepção imediata. Reflete também, a separação, às vezes brutal, às vezes tênue, dos fragmentos de uma mesma identidade; o eu e seu estranhamento em si mesmo, o eu e o outro que se auto identificam e que trazem em si uma mensagem de heterogeneidade totalizante, questionando também a questão da possibilidade de uma identidade brasileira em um contexto de interferência externa constante inerente ao mundo pós-moderno.

BIBLIOGRAFIA

BAKTIN, Mikhail. "O autor e o herói". In: **Estética da criação verbal**. S.P: Martins fontes, 1997.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**.S.P: Cultrix, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária** Col: História do Povo Brasileiro, 4ª reimpr:2001, SP: Ed: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CORRÊA SILVA, Marisa. "Crítica sociológica", In: BONNICI, Thomas e Lúcia Osana Zoslin- **Teoria literária** – Mgá (Pr.): UEM, 2003.

HELENA, Lucia. **Modernismo brasileiro e vanguarda**. 3ª ed. 2ªimpr. S.P: Ática, 2000.

HUTCHEON, Linda. "Descentralizando o Pós-Moderno: O Ex-cêntrico" In: **Poética do pós-moderno: história, teoria e ficção..** RJ: Imago,1991.

ILIE, Paul. **Litertura e exílio interior: (Escritores y sociedad en la España franquista)**1ª ed. Madrid -Espanña, Editorial Fundamentos.1981

SCLIAR, Moacyr, 1937- **A majestade do Xingu**.S.P: Companhia das Letras, 1997.

SOUZA, Márcio, 1946.**Entre Moisés e Macunaína:. Os Judeus que descobriram o Brasil**. Marcio Souza, Moacyr Scliar – R.J: Garamond, 2000.

Claudete C. de Abreu

Mestranda em Letras, UNIOESTE